

“ELES TÊM MAIS
DE UM MILHÃO
ESPALHADOS
PELO MUNDO”:
NARRATIVAS DE
CRIANÇAS NA E
SOBRE
A PANDEMIA

Paulo Sergio Fochi

Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos / Programa de Pós-Graduação em Educação

Jéssica Deisiane Scherer

Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

Marjori Andressa Berres Dieter

Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos / Licenciatura Pedagogia

Alciléa de Souza Fazzi

Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos / Programa de Pós-Graduação em Educação

Mariley Ferreira Gomes

Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos / Programa de Pós-Graduação em Educação

Resumo:

A pandemia causada pelo coronavírus ficará marcada na história. As medidas de saúde para conter seu avanço, orientadas pela OMS, foram drásticas, o que acarretou uma mudança nas relações entre as pessoas. Neste trabalho, objetivamos ouvir as narrativas das crianças de diferentes regiões do Brasil a respeito de suas experiências na e sobre a pandemia da Covid-19. Apoiados pelas contribuições dos estudos de Oliveira-Formosinho & Araújo (2008a); Oliveira-Formosinho & Araújo (2008b); Oliveira-Formosinho & Lino (2008) e Cruz (2008) a respeito da escuta das crianças, foi realizada entrevista com 17 crianças de 4 a 8 anos. A partir deste estudo, compreendemos que as crianças, além de perceberem a situacionalidade em que nos encontramos, apontam perspectivas a respeito de um possível tempo pós pandemia.

Palavras-chave:

Pandemia; Covid-19; Entrevista com crianças; Perspectivas das crianças.

Abstract:

The pandemic caused by the coronavirus will go down in history. Health measures to contain its progress, guided by the OMS, were drastic, which brought about a change in the relationships between people. In this article, we aim to hear the narratives of children from different regions of Brazil about their experiences in and about the Covid-19 pandemic. Supported by the contributions of the studies by Oliveira-Formosinho & Araújo (2008a); Oliveira-Formosinho & Araújo (2008b); Oliveira-Formosinho & Lino (2008) and Cruz (2008) about listening to children, an interview was carried out with 17 children from 4 to 8 years old. From this study, we understand that children, in addition to understanding the situation in which we find ourselves, point out perspectives regarding a possible post-pandemic time.

Keywords:

Pandemic; Covid-19; Interview with children; Children's perspectives.

DATA DE RECEÇÃO: 22/07/2021

DATA DE ACEITAÇÃO: 21/10/2021

Introdução

Os anos de 2019, 2020 e 2021 ficarão marcados na história devido à pandemia da Covid-19. As medidas de saúde para conter o avanço de um novo coronavírus, orientadas pela Organização Mundial da Saúde (OMS), foram drásticas, o que acarretou mudanças nas relações entre as pessoas. O mundo se viu conectado virtualmente para quase todas as interações. As rotinas foram afetadas, famílias não puderam se reunir, comércios e escolas foram fechados de modo a proteger a saúde da população mundial.

As crianças, apesar de serem apontadas como o grupo menos afetado pelos sintomas graves da Covid-19 (mesmo não estando isentas de contrair o vírus) (Freitas *et al.*, 2021), foram privadas de estabelecer importantes relações, essenciais em seu desenvolvimento. Alguns autores, como Wang *et al.* (2020) abordaram a importância das crianças entenderem sobre esse momento e serem informadas das razões de terem de ficar confinadas. Ainda, documentos oficiais, como o relatório da UNICEF (2021), apontam os impactos da pandemia na aprendizagem, principalmente no que se refere ao acesso à educação de crianças e jovens em vulnerabilidade, o que acentua ainda mais as desigualdades no Brasil.

Mesmo havendo uma razoável bibliografia acerca do tema da pandemia da Covid-19, poucos são os trabalhos que trazem à tona as percepções das crianças a respeito deste momento. Sendo assim, este artigo tem como objetivo ouvir as narrativas das crianças a respeito de suas experiências na e sobre a pandemia. Para tal, buscamos auxílio nas contribuições de Oliveira-Formosinho & Araújo (2008a); Oliveira-Formosinho & Araújo (2008b); Oliveira-Formosinho & Lino (2008) e Cruz (2008) a respeito da escuta das crianças, de modo a elaborar uma entrevista com crianças de 4 a 8 anos sobre as suas experiências na e sobre a pandemia.

Por se tratar de uma pesquisa qualitativa, intencionamos, na medida em que as narrativas e hipóteses das crianças foram ouvidas e respeitadas, compreender suas visões de mundo e as relações que nele e com ele se estabelecem, dando voz às suas subjetividades. Lembrando ainda, que os resultados não podem ser generalizados para a população de crianças brasileiras, mas se constituem como importantes fontes para refletir acerca dos sentidos que as crianças atribuem à pandemia da Covid-19.

A respeito das pesquisas com crianças, algumas autoras como Oliveira-Formosinho & Araújo (2008a); Oli-

veira-Formosinho & Araújo (2008b); Oliveira-Formosinho & Lino (2008) e Cruz (2008), se opõem a uma visão adultocêntrica nos modos de fazer pesquisa, onde a voz do adulto é referência para falar da infância e da sua relação para com a sociedade. Assim, concordamos com as autoras quando escrevem que as entrevistas com crianças são um “meio privilegiado para aceder e compreender as suas perspectivas”. (Oliveira-Formosinho & Araújo, 2008a, p. 14). Nesse sentido, a criança é vista “como uma pessoa com agência, que lê o mundo e o interpreta, que constrói saberes e cultura, que participa como pessoa e como cidadão na vida da família, da escola e da sociedade”. (Oliveira-Formosinho & Araújo, 2008b, p. 33). Com isso, entendemos de alta relevância escutar a perspectiva das crianças em relação à pandemia causada pela Covid-19, seus sentimentos, emoções e expectativas de um futuro não pandêmico.

A pandemia e as crianças

Em meio às drásticas mudanças causadas pela Covid-19, as crianças tiveram que ser retiradas do convívio escolar abruptamente e passaram a viver uma rotina que fomentou formas diferentes de relacionamento com as outras pessoas. Repentinamente, o tempo e os espaços tiveram que ser redimensionados, as demonstrações de afeto foram alteradas, contato com familiares, amigos e colegas se restringiram. Estudos como o de Freitas *et al.* (2021) abordaram repercussões emocionais e comportamentais da pandemia da Covid-19 na infância e adolescência, apontando que este contexto tem produzido impactos sobre sua saúde mental e comportamental.

O Núcleo Ciência Pela Infância - NCPI, que reúne pesquisadores da Universidade de São Paulo, da Fundação Getúlio Vargas e da Universidade de Harvard, publicou um artigo onde apontou que as medidas de distanciamento social no contexto da pandemia, embora extremamente necessárias para diminuir a circulação do novo coronavírus, trouxeram efeitos colaterais para a sociedade em geral (Manitto *et al.*, 2020). Tais efeitos - como o aumento do desemprego, cortes salariais e a consequente diminuição da renda - afetam de forma direta as crianças, que acabam ficando mais expostas a estas consequências uma vez que convivem com adultos sob estresse em um mesmo domicílio, aumentando a tensão psicológica no contexto familiar e fragilizando os vínculos afetivos, tão necessários ao crescimento e desenvolvimento infantil (Manitto *et al.*, 2020)

Estudos como o de Muratori & Ciacchini (2020) apontam que esta complexa situação causada pelo isolamento social pode afetar a saúde mental das crianças, levando à depressão e ansiedade, bem como problemas de agressividade. Wang *et al.* (2020) destacam que devido ao prolongado tempo de quarentena as crianças e adolescentes podem se sentir estressadas, desencadeando outras questões, tais como: medo de se infectar, sentimentos de frustração e tédio, falta de colegas da escola, amigos e professores.

Por um outro lado, um estudo com crianças de 0 a 3 anos identificou que mais de um terço dos cuidadores tiveram mais tempo e boas oportunidades de convivência, além da possibilidade de acompanhamento mais próximo às crianças durante o isolamento social. Porém, um outro dado que aparece no estudo foi a respeito da presença significativa das telas (TV, tablets, celulares) durante esse período para preencher o tempo das crianças em casa (Fundação Maria Cecília

Souto Vidigal, 2021). Como já é sabido há muito tempo, essa exposição excessiva a telas afeta fortemente às crianças desta faixa etária tanto em questões relacionadas à fala como em relação à ansiedade, irritabilidade e dependência.

Nos trabalhos encontrados versando sobre crianças/ infância e pandemia, percebemos a ausência da voz das crianças. O que temos é sempre a perspectiva dos adultos (familiares e cuidadores) sobre a experiência das crianças durante a pandemia.

Em levantamento realizado no site Scielo (Scientific Electronic Library Online) com os descritores criança e pandemia, ou, infância e pandemia, observamos que parte dos estudos (Freitas *et al.*, 2021; Sá *et al.*, 2021; Muratori & Ciacchini, 2020) tratam de questões relacionadas à saúde, tanto física quanto mental, das crianças durante a pandemia. Já outros (Laguna *et al.*, 2021; Paludo, 2020) realizam um olhar a partir da perspectiva pedagógica, mas principalmente sobre os desafios que o docente enfrenta durante o período pandêmico.

O que se pode perceber é haver um acento na visão do adulto em relação à pandemia e a infância. Sabemos da importância de estudos desta natureza, porém, diante deste cenário, nossa escolha foi por escutar as crianças a respeito da pandemia para permitir que fosse criado um espaço de diálogo sobre a situação e também para que suas ideias e perspectivas possam ser consideradas na produção de subjetividades que estamos fazendo como produção de conhecimento.

Pesquisa com crianças

Oliveira-Formosinho & Araújo (2008a) nos esclarecem que até as últimas décadas do século XX as crianças foram vistas por duas cenas. Uma enfatizava a sua vulnerabilidade, dependência e inocência e a outra as retratava como sendo uma ameaça para si e para a sociedade. Já uma perspectiva pós-moderna, acentua a noção de uma diferente visão da infância, qual seja: de uma criança “ativa e co-constutora de significado, [...] possuidora de uma voz própria, que deverá ser seriamente tida em conta, envolvendo-a num diálogo democrático e na tomada de decisão”. (Oliveira-Formosinho & Araújo, 2008a, p. 16).

Essa segunda perspectiva, de criança agente, está estritamente relacionada às ideias de James (2019, p. 221) quando escreve que a pesquisa com crianças “não é simplesmente ou apenas deixar as crianças falarem; trata-se de explorar a contribuição única que as perspectivas das crianças podem proporcionar à nossa compreensão e teorização acerca do mundo social”. Neste estudo, assumimos uma visão de criança capaz de criar seus mapas mentais, produzir significados e narrar sobre sua experiência.

Com relação especificamente às entrevistas com crianças, algumas considerações merecem destaque. Oliveira-Formosinho & Araújo (2008a) apontam que o contexto deve ser um local familiar para a criança, onde ela se sinta à vontade e segura para expressar suas opiniões, pois isso influenciará a forma como responde às interrogações. Já a respeito da atuação do entrevistador, as autoras compreendem que este deve compartilhar com as crianças suas próprias perspectivas e ideias, estabelecendo proximidade com o entrevistado e dissolvendo uma ideia de hierarquia entre adulto e criança. Ainda, a realização da entrevista em duplas ou grupos é mais aconselhada, pois se tratando de um formato já conhecido pela criança, ela tende a se sentir mais confortável compartilhando suas perspectivas. Assumir uma postura flexível frente às interrogações das crianças também é um aspecto importante, bem como perceber quando a criança se sente inibida ou desconfortável com alguma pergunta (Oliveira-Formosinho & Araújo, 2008a).

São estas as ideias que procuramos adotar ao tratar da pesquisa com crianças neste estudo, pois estamos interessados em seus enunciados, narrativas e percepções acerca de si e do mundo, especificamente no que tange suas relações, sentimentos e compreensões sobre este momento pandêmico.

Contextos, sujeitos e acordos éticos

Por constituirmos um grupo multicultural de pesquisadores, as crianças entrevistadas também correspondem a esta pluralidade de localidades brasileiras, ou seja, vivem em diferentes regiões do país, a saber: sul, centro-oeste e norte, envolvendo os estados do Rio Grande do Sul, Mato Grosso e Pará. Os sujeitos entrevistados são de grandes centros urbanos e de cidades pequenas; são crianças oriundas de famílias ribeirinhas e de diferentes classes sociais. Ao todo, foram entrevistadas 17 crianças (10 meninas e 7 meninos) entre 4 e 8 anos em espaços escolares e na igreja.

Elaboramos um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que foi assinado pelos responsáveis de cada criança, esclarecendo os objetivos da pesquisa, bem como as perguntas da entrevista. Também foi informado que os diálogos entre pesquisadoras e crianças seriam gravados em áudio, que a privacidade das crianças seria preservada e que a sessão seria encerrada caso alguém demonstrasse algum desconforto. Nesse sentido, destacamos que este estudo está baseado no Código de ética desenvolvido pela *European Early Childhood Education Research Association* (EECERA, 2014).

A entrevista

De modo a concretizar nossos objetivos a respeito da escuta das crianças, elaboramos um roteiro de perguntas para guiar a entrevista¹, a saber:

1. Alguém sabe dizer por que estamos usando máscaras?
2. Você sabe o que é pandemia / coronavírus?
3. E você tem alguma ideia de como poderia solucionar esse problema?
4. O que você fez durante todo esse tempo que não deu pra ir para escola?
5. E agora, o que você está fazendo?
6. Você lembra o que sentia durante esse período que não pode ir para a escola?
7. E agora, o que você sente?
8. Você sentiu falta de alguma coisa durante esse período que não pode ir para a escola?
9. E agora, você sente falta de algo?
10. Você acha que um dia vai acabar a Pandemia?
11. Como você imagina que o mundo será quando acabar a Pandemia?

As entrevistas foram previamente planejadas. Entramos em contato com as famílias e escolas explicando todos os procedimentos da entrevista, entregamos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para os responsáveis das crianças e agendamos a data e hora da entrevista.

Os momentos foram conduzidos por quatro pesquisadoras que dialogaram, cada uma, com grupos de 3 a 4 crianças, de forma presencial em um ambiente preparado para esse momento, respeitando os protocolos de prevenção à Covid-19. Assim, três entrevistadoras realizaram a pesquisa em escolas e uma no ambiente comunitário da igreja.

Conforme os estudos de Oliveira-Formosinho & Araújo (2008a), a entrevista semi estruturada é considerada a maneira mais adequada a ser realizada com crianças, o que abriu espaço para perspectivas imaginativas e que foram além das perguntas previamente definidas, buscando deixar as crianças confortáveis e livres para articular suas ideias e perspectivas. Por fim, cada menina e menino foi convidado a realizar um desenho a partir da conversa para, posteriormente, dialogar sobre sua produção.

Análise dos resultados

Após realizarmos as entrevistas, cada pesquisadora fez a transcrição dos áudios gravados e decidimos manter as expressões das crianças tal como foi narrada por elas. Para preservar o anonimato, utilizamos nomes fictícios seguidos da idade das crianças.

A partir de uma análise flutuante a respeito das transcrições das respostas, percebeu-se três categorias emergentes, a saber: i) *visões das crianças sobre a pandemia e o coronavírus*; ii) *emoções e sentimentos* delas durante esse período e iii) *ideias de futuro* que as crianças têm em relação ao pós-pandemia. Nesse sentido, a seguir discutiremos a respeito de cada uma destas categorias articulando as respostas obtidas com as crianças e o quadro referencial do nosso estudo.

i) Visões sobre a pandemia e o coronavírus

Para iniciar a conversa perguntamos às crianças se elas sabiam por que estávamos usando máscaras. Elas prontamente trouxeram respostas como “*Principalmente pra ninguém pegar Covid, porque isso é ‘transmitível’*” (Jordana - 8a); “*Porque o coronavírus tá a solta*” (Adão - 6a); “*Porque sem máscara, quando uma pessoa espirra perto de você, você pode pegar o coronavírus*”. (Victor - 8a). Esses comentários demonstram uma excelente compreensão por parte das crianças quanto a utilização da máscara e do momento em que nos encontramos, pois como sabemos, de acordo com a Organização Mundial da Saúde (WHO, 2020), a utilização de máscaras é uma das estratégias para evitar a transmissão do vírus e salvar vidas.

Já as perspectivas das crianças a respeito do coronavírus e da doença Covid-19, foram: “*É uma doença bem grave que se pegar tem que ficar internado por bastante dias. E quem não se tratar bem já morre em três dias se pegar*” (Matheus - 7a); “*Os vírus são tipo umas bactérias; uns mini monstros. Eles têm mais de um milhão espalhados pelo mundo*”. (Jordana - 8a). Apesar de não terem feito distinção entre vírus e bactérias, em uma pesquisa realizada por Folino *et al.* (2021) que entrevistou 20 crianças cariocas, via plataformas digitais, as crianças também utilizaram esses termos como sinônimos. Algumas crianças que entrevistamos estão conscientes que a doença é transmitida pela respiração, causando complicações no sistema respiratório como tosse, pois relataram que “*o corona é uma bactéria que entra*

1 - Esse roteiro não necessariamente foi seguido tal qual consta aqui, mas serviu como guia comum entre as pesquisadoras.

pelo nosso respiratório e não deixa a gente respirar. Daí a gente tosse, muita tosse”. (Adão - 6a). Conforme a Organização Pan-Americana da Saúde, “O vírus pode se espalhar pela boca ou nariz de uma pessoa infectada em pequenas partículas líquidas quando a pessoa tosse, espirra, canta, respira pesadamente ou fala”. (OPAS, 2020, p. 3). As crianças também fizeram relação com suas percepções cotidianas, associando a desenhos ou objetos, como nesse exemplo: “Ele é um bicho; é tipo uma bola em espinho de fazer massagem nas costas.” (Diogo - 5a).

Tanto as razões sobre o uso da máscara como o significado dado pelas crianças a respeito do coronavírus e da Covid-19 mostram que a compreensão construída por elas a respeito da situação em que vivemos é bastante coerente e pertinente para o momento. Além disso, entendemos que esta é uma evidência de que as crianças precisam ser escutadas pois, como sujeitos ativos e históricos, participam dos seus contextos e atribuem sentidos sobre.

As hipóteses das crianças sobre como solucionar a pandemia foram concretas, como: “Se cuidando, usando álcool em gel, ficar dentro de casa, não ficar em lugar cheio de gente, não visitar pessoas com gripe” (Victor - 8a); “A gente tem que nos cuidar e passar álcool sempre quando chega de casa ou de algum lugar.” (Angelo - 6a). A solução advinda da vacinação também foi algo mencionado como agente para acabar com a pandemia: “[...] mas tem que tomar as vacinas que precisam, mas se alguém chorar não tem problema porque já vai passar”. (Danilo - 4a). Além deste tipo de resoluções que coadunam com aquelas consideradas oficiais, também encontramos narrativas de uma outra ordem: “Com escudo de gel, com uma armadilha, um tanque de gel” (Adão - 6a); “E pisar no coronavírus depois [...] Pisar ao mesmo tempo usando máscara”. (Giovana - 5a). A imaginação, como muito bem já destacou Vygostky (1998), se caracteriza como uma função superior e está intimamente ligada à experiência que a criança vive nos diferentes ambientes que participa. Nesse sentido, a imaginação também é uma atividade que possibilita a construção do conhecimento e, por isso, a transformação da realidade.

Além de soluções, foram apontadas considerações que se vinculam aquelas dadas pelos órgãos governamentais sobre cuidados com a Covid-19: “[...] E também porque é ordem do governo. E também é pra se proteger porque é pra ficar bandeira branca e é pra todo mundo se vacinar; pra todo mundo ficar protegido” (Jordana - 8a), “A prefeitura vai matar o coronavírus” (Diogo - 5a); “Mas primeiro precisa começar pelos mais velhos, indo para os mais novos. Porque com os mais velhos, acontece muito mais coisas com eles quando eles pegam Covid [...] Os velhos ficam mais parados, mas as crianças ficam correndo. É isso o bom das crianças! As crianças ficam correndo e os Covids não são

tão rápidos; eles são meio devagar porque eles são pequenininhos [começa a rir]”. (Jordana - 8a). Aqui, além de se referirem sobre os protocolos adotados para distanciamento social, também recorrem à imaginação para determinar quem poderá eliminar o coronavírus ou qual a explicação da priorização da vacinação.

Como podemos notar, as crianças têm uma nítida noção do que vivemos e de que modo devemos enfrentar tal situação. Além disso, também percebemos o modo que recorrem aos recursos lúdicos e imaginativos como possibilidade de produzir novas possibilidades. A respeito disso, Dewey (2002) destaca que as crianças produzem significados e sentidos através dos vínculos práticos e emocionais. Assim, a ludicidade, a imaginação e a fantasia são processos simbólicos e narrativos que as crianças se valem para estabelecer uma construção do real.

ii) Emoções e sentimentos

Quando questionadas sobre os sentimentos durante o período que não podiam ir às escolas, uma parte das crianças trouxe respostas como: “Eu ficava com muita saudade da minha professora, da escola e de brincar com meus amigos [...] Muito triste” (Isamara - 8a); “Eu sentia falta da escola, e do planeta todo, e da natureza, e da árvore e da Mel”. (Giovana - 5a). Já outras crianças relataram que gostaram de ficar em casa: “A gente se sentia legal; a gente ficava se divertindo” (Giovana - 5a); “Eu se senti bem, porque tenho tapete muito legal que tem muitas cidades, da para brincar de carrinho, se divertir”. (Danilo - 4a).

As autoras Presa, Ville e Staszczak (2020) apontam que no primeiro momento do isolamento social as crianças ficaram aliviadas de não terem que acordar cedo para ir à escola, porém com o passar dos dias estavam angustiadas pelo isolamento da quarentena e confinamento que as impediram de se divertir na rua. Em nossa conversa com as crianças essa duplicidade de sensações também foi manifestada. Houve demonstração de contentamento pelos momentos de diversão que vivenciaram na companhia dos pais, familiares e animais de estimação em seus lares: “A gente ficou em casa se divertindo com o pai e a mãe” (Giovana - 5a); “Eu brincava com meu irmão, fazia dever de casa e assistia televisão” (Victor - 8 anos); “Eu fiz coisas muito legais. Eu fiquei jogando, olhando TV, dormindo, comendo, brincando com meu cachorro”. (Matheus - 7a).

A partir destas respostas, entendemos que há duas considerações importantes a se fazer: a primeira é que o círculo social expandido das crianças se dá nos espaços escolares e, uma vez que elas estejam impedidas de frequentá-lo, a sua socialização é fortemente afetada; a segunda, a presença dos pais e a mudança de ritmo de vida das famílias possibilitou que as crianças estives-

sem mais próximas dos seus familiares e transformassem suas casas em territórios de brincadeiras.

Aqui, o que parece contraditório - o valor de frequentar a escola e o valor de estar em casa com os familiares - emerge como uma possibilidade mais dialógica, o que nos dá algumas pistas importantes a respeito da necessidade das rotinas exacerbadas que crianças e adultos vêm vivendo nos últimos anos se transformarem. A respeito deste aspecto, é importante lembrar um valoroso destaque que Malaguzzi (2001) fez ao questionar de que modo a produção do conhecimento iria sublinhar os ritmos e temporalidades da vida como oposição e resistência aos ritmos e temporalidades impostos pelo capital.

Mas também ficou evidente que apesar de as crianças terem gostado de ficar em casa, houve momentos de frustração e tédio manifestados nas falas em que elas não podiam sair de casa, brincar com outras crianças ou mesmo realizar passeios. “*Eu sentia tédio, não aguentava mais ficar em casa. Não tinha nada pra fazer*” (Luana - 7a); “*Eu ficava longe dos meus amigos, não ia pra rua*”. (Iara - 5a). Esses estresses são esperados, conforme mencionado anteriormente, à medida que houve uma mudança significativa na rotina e muitos impeditivos de uma vida social foram interpelando a vida de todos. A esse respeito, destacamos que em um estudo realizado com 320 crianças e adolescentes de ambos os sexos na China, também ficou evidenciado estresses como irritabilidade, distração e medo de fazer perguntas sobre a Covid-19 (Jiao *et al.*, 2020).

As crianças também foram questionadas sobre as suas ocupações durante o período de isolamento social em que não frequentaram a escola, sendo algumas delas: “*A gente pode se divertir aprendendo coisas com os pais e aprendendo com a aula Zoom*” (Alcimara - 7a); “*Eu brincava com meu irmão, fazia dever de casa e assistia televisão*”. (Victor - 8a). A percepção sobre a mudança do ambiente escolar é notória para todas as crianças, enquanto algumas manifestaram apreço a essa alternativa de aulas remotas, outras também mencionaram seu desconforto: “*O bom é que eu podia ficar em casa fazendo várias coisas, mas o ruim é que eu não aprendia nada*”. (Jordana - 8a).

Segundo Rondini, Pedro e Duarte (2020), a pandemia impôs desafios à prática docente, mas ao mesmo tempo possibilitou novas formas de desenvolver o trabalho pedagógico. No entanto, não podemos negar que este tipo de alternativa de atividades escolares, especialmente para o público alvo desta pesquisa (crianças de 4 a 8 anos), não se mostra uma alternativa eficiente. Além de não atender ao modo como crianças aprendem e constroem conhecimento (que está intimamente ligado à dimensão social, corporal e do encontro com as

outras crianças), acaba expondo-as a muitas horas em telas. A Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP, 2019) aponta que o uso indiscriminado das telas por longas horas, além do acesso a uma gama de programações inapropriadas à idade das crianças, podem causar alterações no curso do desenvolvimento infantil e ao adoecimento psíquico das crianças. Isso é preocupante, uma vez que há riscos para transtornos de saúde mental e problemas comportamentais, como ansiedade, irritabilidade, tristeza, entre outros. Todas essas questões atreladas ao fator do isolamento social requerem atenção por parte da família e da escola às crianças.

Também surgiram sentimentos de saudade de entes queridos que faleceram durante a pandemia, ou antes dela: “*Eu sinto falta do meu vô também. Você sabia que meu vô morreu por causa que ele pegou coronavírus?*” (Giovana - 5a); “*Eu senti falta da minha vô Cira porque ela morreu. Ela morreu porque tava muito doente*”. (Diogo - 5a). Nestas respostas, a morte de familiares foi uma questão recorrente, mesmo que o falecimento não tenha ocorrido pela Covid-19. Casellato (2015) aborda que a falta de entes queridos e também de animais de estimação são compreendidos como um enlutamento que as crianças estão passando e isso não deve ser negligenciado, sendo importante que se considere suas demonstrações de tristeza e saudade.

Atrelado a essa sensação de saudade dos entes queridos, há também o sentimento de cuidado e preocupação com o próximo, manifestado em palavras como: “*E também precisa sempre cuidar aonde tu vai. Se tem um monte de pessoas tu não pode ir, porque é capaz de ter Covid. Principalmente tem que ter cuidado com as pessoas que têm problemas. Tipo problema de coração, tal coisas. Essas pessoas são mais sensíveis*”. (Jordana - 8a). Lopes e Park (2007) encontraram resultados semelhantes em sua pesquisa ao entrevistarem crianças de 5 a 10 anos. Elas associavam os idosos com doenças ou com dificuldades de locomoção. As crianças mais velhas também faziam relação entre velhos e a morte, relatando inclusive a morte de avós ou bisavós.

Ainda, quando questionadas sobre seus sentimentos após retornarem para suas escolas, algumas respostas envolvendo a falta que sentem de seus familiares e animais de estimação vieram à tona, tais como: “*Eu tenho saudade de ficar em casa brincando com o Panda, ou dando carinho no Nino [animais de estimação], ou jogando o Nino no Panda. Eu tenho saudade de ver isso, é muito engraçado*” (Matheus - 7a); sente falta “*De ver a mamãe*”. (Isamara - 8a). Devido ao fato das crianças terem ficado tanto tempo em casa, sem frequentar a escola, essa saudade das suas companhias durante o isolamento pode ser

esperada também agora que estão de volta às escolas. A partir dos apontamentos aqui feitos, entendemos que este momento de retorno às atividades presenciais na escola, exige que os profissionais estejam atentos às manifestações das crianças a respeito do que viveram neste longo período de distanciamento social. Além disso, é indiscutível a necessidade de articulação com outros setores como Assistência Social, Psicologia e Programa Terapêuticos, para pensar em alternativas de apoio às crianças e aos profissionais das escolas (Campos *et al.*, 2020). Isso possibilita um retorno acolhedor e que contemple as necessidades que o momento exige, além de buscar amenizar o impacto do confinamento, visando preservar a saúde física e mental de todos os envolvidos.

iii) Ideias de futuro

Quando perguntamos se as crianças acreditam que a pandemia vai acabar, algumas respostas se mostraram otimistas: “É óbvio. É óbvio porque a gente está se cuidando” (Juliete - 6a); “Eu acho que vai acabar, por causa que se não, se não acabasse, já teria pessoas mais mortas e eu acho que já tá calmo esse coronavírus” (Alba - 5a), ou ainda fazem menção à vacina: “Sim, porque todo mundo está sendo vacinado e um dia essa pandemia vai acabar”. (Victor - 8a). Outras, no entanto, desacreditam no fim da pandemia e atrelam ao comportamento das pessoas frente aos protocolos de cuidado, tais como: “Eu acho que nunca vai porque as pessoas não tão respeitando as leis” (Matheus - 7a); “Eu acho que não vai acabar tão cedo, porque as pessoas não querem usar a máscara”. (Simone - 6a).

O primeiro grupo de crianças, que acreditam que a pandemia vai acabar, também trouxeram a sua visão de mundo pós pandêmico: “Vai ser muito legal porque a gente pode abraçar, pode brincar com amigo, pode fazer tudo” (Angelo - 6a); “Eu imagino que o mundo vai ser muito feliz, que as pessoas vão poder passear e tudo vai ficar muito feliz” (Alba - 5a); “A gente vai poder tirar as máscaras, não precisa ficar passando álcool em gel. Vai ser muito diferente, daí vai ter aulas todas as semanas” (Luana - 7a); “O mundo vai ser bem diferente porque as pessoas vão tá mais alegres porque o Covid passou. Como se alguma coisa de legal tivesse acontecido” (Jordana - 8a); “Eu acho que o mundo vai ficar bem mais alegre também porque o mundo também tá com essa doença, então tipo, ele vai sair voando pela galáxia. Daí todo mundo vai precisar ficar sem máscara”. (Matheus - 7a).

As narrativas das crianças apontam, mais uma vez, para uma nítida visão a respeito das condições para que se possa visualizar um mundo pós pandemia. Além de novamente indicarem seus conhecimentos a respeito dos protocolos sanitários e os impactos nega-

tivos no descumprimento, conseguem projetar as possibilidades ou impossibilidades para um futuro.

A esse respeito, retomamos o que Oliveira-Formosinho & Araújo (2008a; 2008b) destacam sobre a participação das crianças quanto a produção de significados nos contextos que fazem parte. Segundo as autoras, “as perspectivas das crianças são muito sensíveis às características estruturais e dinâmicas dos contextos em que vivem, sendo as suas interpretações feitas com referência a aspectos muito específicos, e mesmo subtis, de tais contextos”. (Oliveira-Formosinho & Araújo, 2008a, p. 18). Neste sentido, compreendemos o valor de escutar as crianças, pois trazem em suas perspectivas a sua leitura da realidade em que vivem e o modo como elas a interpretam.

Considerações finais

Ao final desse estudo, podemos ressaltar a importância das crianças serem ouvidas em uma situação tão excepcional como a que estamos vivendo, pois não apenas mostram que têm compreensões construídas acerca da pandemia, como também manifestam suas narrativas imaginativas e alternativas para dar conta deste momento. Também podemos inferir que as crianças compreendem a importância de se cuidarem, bem como cuidar do outro, pois em suas falas demonstram empatia e preocupação quanto a saúde e vacinação da população.

Com esta pesquisa, nos somamos a outros estudos que defendem que as crianças precisam ser ouvidas e que suas vozes possam ser consideradas na efetivação de políticas públicas, na produção de conhecimento e na busca por alternativas para a construção de um mundo melhor.

As respostas das crianças também sublinham o valor da brincadeira e do encontro com outras crianças como dimensão estruturante para seu desenvolvimento, algo que entendemos que a escola, enquanto um espaço social, atende a esse direito de todos os meninos e meninas.

Por fim, destacamos que a partir desta pesquisa, enfatizamos a importância de se pensar em programas multidisciplinares para poder dar apoio e fazer o exercício de escuta das crianças com o iminente retorno às atividades presenciais das escolas, pois além do longo período de confinamento certamente impactar as crianças e adultos, a retomada e reconstrução de uma outra normalidade se fará através da participação dos diferentes atores e do restabelecimento de vínculos afetivos.

Referências bibliográficas

- Campos, M., Almeida, A., Barreto, A., Dumont, E., Vieira, L. F., Baptista, M., Fochi, P., Coelho, R., Cruz, S. & Valverde, S. (2020). *Para um retorno à escola e à creche que respeite os direitos fundamentais de crianças, famílias e educadores*. Brasil, 10. https://www.anped.org.br/sites/default/files/images/para_um_retorno_a_escola_e_a_creche-2.pdf
- Casellato, G. (org.). (2015). *O resgate da empatia: suporte psicológico ao luto não reconhecido*. São Paulo: Summus.
- Cruz, S. (2008). A qualidade da educação infantil, na perspectiva das crianças. In: Oliveira-Formosinho, J. (Org.). *A escola vista pelas crianças*. Porto: Porto Editora, 75 - 94.
- Dewey, J. (2002). *A escola e a sociedade e a criança e o currículo*. Lisboa: Relógio D'água.
- EECERA - European Early Childhood Education Research Association. (2014). *Ethical Code for Early Childhood Researchers*. Consultado em 14/7/21, disponível em: <http://www.eecera.org/wp-content/uploads/2016/07/EECERA-Ethical-Code.pdf>
- Folino, C., Alvaro, M. Massarani, L. & Chagas, C. (2021). A percepção de crianças cariocas sobre a pandemia de COVID-19, SARS-CoV-2 e os vírus em geral. *Cadernos de Saúde Pública*, 37(4) 1-13. <http://dx.doi.org/10.1590/0102-311X00304320>
- Freitas, B., Costa, A., Diogo, P. & Gaiva, M. (2021). O trabalho emocional em enfermagem pediátrica face às repercussões da COVID-19 na infância e adolescência. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 42. <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2021.20200217>
- Fundação Maria Cecília Souto Vidigal. (2021). *Primeiríssima Infância - Interações na Pandemia: Comportamentos de pais e cuidadores de crianças de 0 a 3 anos em tempos de Covid-19*. Consultado em 13/07/21, disponível em: <https://www.fmcsv.org.br/biblioteca/primeirissima-infancia-interacoes-pandemia-comportamentos-cuidadores-criancas-0-3-anos-covid-19/>
- James, A. (2019). Dando voz às vozes das crianças: práticas e problemas, armadilhas e potenciais. *Zero-a-Seis*, 21(40), 219-248. <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zerosais/article/view/1980-4512.2019v-21n40p219>
- Jiao, W. Y., Wang, L., Liu, J., Fang, S., Jiao, F., Pettoello-Mantovani, M. & Somekh, E. (2020). Behavioral and Emotional Disorders in Children during the COVID-19 Epidemic. *J. Pediatr.* 264-266. <https://doi.org/10.1016/j.jpeds.2020.03.013>
- Laguna, T., Hermanns, T., Silva, A., Rodrigues, L. & Abaid, J. (2021). Educação remota: desafios de

- pais ensinantes na pandemia. *Rev. Bras. Saúde Mater. Infant.*, 21, 403-412. <https://www.scielo.br/j/rbsmi/a/PGF37qhRQP9HYFH5TSv89zR/?format=pdf&lang=pt>
- Lopes, E., Park, M. (2007). Representação Social de crianças acerca do velho e do envelhecimento, *Estudos de Psicologia*, 12(2),141-148. <https://www.scielo.br/j/epsic/a/7PjmrmCkjV8grVf59wZDpjd/abstract/?lang=pt>
- Malaguzzi, L. (2001). *La educación infantil en Reggio Emilia*. Barcelona: Octaedro.
- Manitto, A., Chiesa, A., Abuchaim, B., Kirschbaum, C., Santos, D., Mello, D., Louzada, F.,... Serebrinic, V. (2020). Edição Especial: *Repercussões da Pandemia de COVID-19 no Desenvolvimento Infantil*. Consultado em 11/7/ 2021, disponível em: <https://ncpi.org.br/wp-content/uploads/2020/05/Working-Paper-Repercussoes-da-pandemia-no-desenvolvimento-infantil-3.pdf>
- Muratori, P. & Ciacchini, R. (2020). Children and the COVID-19 transition: Psychological reflections and suggestions on adapting to the emergency. *Clinical Neuropsychiatry*, 17(2),131-134. <https://pesquisa.bvsalud.org/global-literature-on-novel-coronavirus-2019-ncov/resource/en/covid-who-380324>
- Oliveira-Formosinho, J. & Araújo, S. (2008a). Escutar as vozes das crianças como meio de (re)construção de conhecimento acerca da infância: algumas implicações metodológicas. In Oliveira-Formosinho, J. (Org.), I(pp.11 – 30). Porto: Porto Editora.
- Oliveira-Formosinho, J. & Araújo, S. (2008b). A construção social da moralidade: a voz das crianças. In. Oliveira-Formosinho, J. (Org.), *A escola vista pelas crianças* (pp. 31 – 54). Porto: Porto Editora.
- Oliveira-Formosinho, J. & Lino, D. (2008). Os papéis das educadoras: as perspectivas das crianças. In. Oliveira-Formosinho, J. (Org.), *A escola vista pelas crianças* (pp. 55 - 74). Porto: Porto Editora.
- OPAS - Organização Pan-Americana da Saúde. (2020). *Uso de máscara no contexto da COVID-19*. Consultado em 14/7/21, disponível em: <https://www.paho.org/pt/materiais-comunicacao-sobre-covid-19#atividade>
- Paludo, E. (2020). Os desafios da docência em tempos de pandemia. *Em Tese*, 17(2),44-53. <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/1806-5023.2020v17n2p44>
- Presas, J., Ville, A., Staszczak, L. (2020). Quem está olhando pela saúde mental das crianças brasileiras durante a pandemia? *Revista Residência Pediátrica*, Consultado em 14/07/21, disponível em: <https://doi.org/10.25060/residpediatr>.
- Rondini, C. A., Pedro, K. M. & Duarte, C. (2020). Pandemia do Covid-19 e o ensino remoto emergencial: mudanças na práxis docente. *Educação*, 10(1), 41 - 57. <https://doi.org/10.17564/2316-3828.2020v-10n1p41-57>
- Sá, C., Pombo, A. Luz, C., Rodrigues, L. & Cordovil, R. (2021). Distanciamento Social Covid-19 no Brasil: Efeitos sobre a rotina de atividade física de famílias com crianças. *Rev. Paul. Pediatr.* 39, 1-8. <https://doi.org/10.1590/1984-0462/2021/39/2020159>
- SBP - Sociedade Brasileira de Pediatria. (2019). *Manual de orientação #menos telas #mais saúde*. Consultado em 14/7/21, disponível em https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/_22246c-ManOrient - MenosTelas MaisSaude.pdf
- UNICEF. (2021). *Cenário da exclusão escolar no Brasil: Um alerta sobre os impactos da pandemia da COVID-19 na Educação*. São Paulo: CENPEC/UNICEF. Consultado em: 14/7/21, disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/media/14026/file/cenario-da-exclusao-escolar-no-brasil.pdf>
- Vygotsky, L. (1998). *O desenvolvimento psicológico na infância*. Rio de Janeiro: Martins Fontes.
- Wang, G., Zhang, Y, Zhao, J. & Jiang, F. (2020). Mitigate the effects of home confinement on children during the COVID-19 outbreak. *The Lancet*, 395 (10228), 945-947. [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(20\)30547-X](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(20)30547-X)
- WHO - World Health Organization. (2020). *Advice on the use of masks in the context of COVID-19*. Geneva. Consultado em 15/7/21, disponível em <https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/advice-for-public/when-and-how-to-use-masks>